

Entrevista à  
Técnica  
Superior da  
Biblioteca  
Municipal do  
Fundão

Dr.<sup>a</sup> Dina  
Matos



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Covilhã | Portugal

## UBI – Mestrado em Ciências Documentais [2010]

### Orientadores:

Professora Doutora: Maria da Graça Sardinha

Professor Doutor António Pais

### Mestrando:

Pedro Rafael Neto Gomes

## [Guião de Entrevista]

### Apresentação e objectivos

A realização desta entrevista insere-se na recolha de dados no âmbito do Mestrado em **Ciências Documentais** da Universidade da Beira Interior sobre **“A Biblioteca Escolar: uma Rede de Aprendizagens. O Papel das Parcerias”**

Tem como objectivo conhecer a perspectiva da Técnica Superior da Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade - Fundão, Dr.<sup>a</sup> Dina Matos face à utilização da Biblioteca Escolar/ Biblioteca Pública ou outra tipologia de bibliotecas numa óptica de partilha e uso comum dos mesmos espaços por públicos distintos. Uma abordagem aos conceitos *joint-use libraries* e *dual-use libraries*.

Os dados recolhidos destinam-se a fins puramente académicos.

(Autorização para recolha de gravação digital da entrevista e de divulgação da identidade)



**1. Dina Matos ao longo destes anos nas suas funções como bibliotecária, quer como formadora e também como mediadora de leitura tem contactado com outros técnicos de bibliotecas públicas, autarcas, coordenadores de bibliotecas escolares, professores bibliotecários e directores de escolas e Agrupamentos. Na sua óptica, que factores é que contribuíram, foram decisivos, para ao fim destes 13 anos a Rede de Bibliotecas Escolares estar implementada em todos os Concelhos do nosso país?**

**Dina Matos** - Eu acho que a rede de bibliotecas escolares ao longo destes anos, tem mostrado uma força e uma coesão que nós não vemos nas bibliotecas públicas, e agora mais que nunca nós vemos que os professores bibliotecários são uma força a qual nós nos devemos juntar, e não nunca virar as costas, porque só assim é que conseguimos construir alguma coisa de útil no concelho onde nós estamos, falando de bibliotecas escolares ou de bibliotecas municipais. E a rede de bibliotecas escolares nisso soube dar um passo bastante importante até na criação dos CIEBs, nos coordenadores intraconcelhios onde vocês não se sentem pessoas isoladas, sentem-se acompanhados, eu não queria dizer avaliados, mas sentem que o vosso trabalho, há aspectos a melhorar, quais são os aspectos a melhorar, coisas que não sentimos nas bibliotecas públicas. Essa é grande força das bibliotecas escolares, pelo menos dá-me essa sensação.

Sim, teve que haver um programa que um país inteiro adoptou, dá-me essa sensação, que a rede de bibliotecas escolares quando foi criada é uma criação para todos, ninguém pode ficar fora da rede de biblioteca escolares, não tem essa opção de ficar de fora vocês tem mesmo que participar na rede de bibliotecas escolares aquilo que não acontece nas públicas

**1.1. No que se refere às Bibliotecas Públicas embora o programa se tenha iniciado anteriormente, a abrangência de território é menor e ainda não estão instaladas em todos os Concelhos, o que lhe parece que ainda falta nesta dinâmica?**

**Dina Matos** - Vocês lã está não podem fugir, nós podemos fugir, nós municípios, o município é livre ou não de se candidatar a rede de bibliotecas públicas depois há um investimento grande por parte do município na criação de uma biblioteca nova ou na reestruturação de uma nova antiga obedecendo sempre aos parâmetros dirigidos pela direcção geral do livro e das bibliotecas e muitas vezes os municípios não tem essa facilidade de construir esses novos equipamentos, também sejamos sinceros e



isso eu tenho que lhe dizer muitos municípios dizem que sim, a DGLB comparticipa a 50%, só que muitas vezes os anos passam e o dinheiro da DGLB nunca chega aos municípios e quando o estado é mau pagador, pronto também não funciona muito bem, e isso vocês não tem esse problema vocês todos os anos tem candidaturas a fundo, documentada imobiliário, é uma rede vocês são obrigados a participar ainda bem que são obrigados.

**Não tendo embora aqui no guião mas posso incluir, poderá também haver se calhar aqui um aspecto a referir é que a rede das bibliotecas o gabinete coordenador mantêm-se quase a mesma estrutura desde o início e o das Públicas não?**

**Dina Matos -** Isso, é muito importante.

Não, não, não basta, posso-lhe citar o caso no ano de 2010, que é onde estamos já é a segunda coordenadora em 2010, o facto da doutora Teresa Calçada estar no início da rede e manter-se até hoje, eu acho é sem dúvida uma mais-valia para vocês estarem no patamar em que estão, apesar de ter sido um grupo a criar a rede de bibliotecas escolares, não foi sem ela, o professor António Calixto, etc. Ele como chefe, como linha orientadora, sim é uma mais-valia para vocês hoje conseguirem estar no patamar que estão.

**2. Em alguns Concelhos do nosso País onde existem Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares não existe o serviço de SABE (Serviço de Apoio a Bibliotecas Escolares), considera este serviço prioritário e fundamental para a existência de uma real parceria entre estas instituições?**

**Dina Matos -** Fundamentalíssimo, eu tenho de dar o caso do fundão, nós estamos agora a implementar, também temos que fazer a retrospectiva que funcionamos precisamos de melhorar ainda bastante, mas sem dúvida, que essa ligação com as bibliotecas escolares e com esse serviço nós criamos realmente a verdadeira parceria. As bibliotecas escolares conseguem-nos compreender também a nós bibliotecas públicas, as nossas tarefas, e nós sem dúvida conseguimos perceber realmente o que as escolas precisam, o que se passa nas escolas e como funcionam as bibliotecas escolares.



## **2.1. Encara outras formas de cooperação? Partilha?**

**Dina Matos** - Eu acho que o ideal seria mesmo isso, criar outras formas de cooperação e partilha o sabe eu acho que será apenas uma veiculo para isso se construir, desde partilha de fundo documental de certeza que já existe eu até ia mais além, porque eu acho que até uma partilha de recursos nem que fosse, não seria a tempo inteiro mas até uma troca de vez em quando de recursos de humanos, em que os técnicos das bibliotecas escolares viriam aqui, os das municipais iriam até lá para se aperceberem do público, das necessidades desse público, eu acho que até era uma coisa muito interessante de se fazer.

**2.2. Na sua visão esta parceria/ cooperação deve ir até onde? (empréstimos interbibliotecas; portais concelhios; catálogos colectivos, horas do conto, animação....) Eu ia perguntar mesmo isso até onde podemos ir, empréstimos interbibliotecas; portais concelhios; catálogos colectivos, horas do conto, animação promoção da leitura....) Essa ideia que apresentou é inovadora, para os recursos?**

**Dina Matos** - Eu achava, porque é assim o empréstimo das bibliotecas, o portal, o catálogo colectivo eu acho que é uma obrigação, que nós biblioteca municipal e os serviços sabe têm de fazer com vocês rede de bibliotecas escolares, eu lembrava-me sempre dos recursos humanos, porque eu falo pelas técnicas da biblioteca, nós precisamos as vezes de estar nos vossos ambientes bibliotecas escolares, até para percebermos como os miúdos funcionam que necessidades é que eles tem das bibliotecas escolares, até para poder depois transportar para esta e fazer actividades para os chamarmos para aqui. Eu acho que assim, é que era uma verdadeira pareceria.

**2.3. Nesta cooperação e nesta partilha onde podemos INCLUIR (envolver/ participar/ dinamizar) a restante comunidade local? As empresas, o público adulto, a terceira idade, que não se inclui nem nas escoltares?**

**Dina Matos** - Pois não. E isso será sempre um público que as vezes é muito difícil chegar até eles, mas por exemplo eu acho que nós aqui no fundão podemos dar o exemplo da academia sénior, que acho que é uma instituição que nós se calhar também é o nosso papel ir ao encontro dela, mas ela também se devia abrir mais à comunidade, por exemplo clubes de leitura, nós podíamos criar através deles seja nas bibliotecas



escolares porque normalmente os alunos das bibliotecas escolares, ter uma pessoa mais velha, tem uma certa sabedoria, uma certa experiência de vida pode ser engraçado contar aqui na biblioteca municipal. Eu acho por exemplo a academia sénior, academias de tempos livres o lar de terceira idade através dessa partilha de leitura ou então da própria reconstrução oral que eles prezam seria uma mais-valia para o nosso grupo

**3. Actualmente contamos com a Rede de Bibliotecas Públicas e a Rede de Bibliotecas Escolares e relativamente às Bibliotecas Universitárias? Também encara a necessidade da existência de uma Rede Nacional de Bibliotecas Universitárias?**

**Dina Matos** - Sim, as bibliotecas universitárias funcionam, dá-me a sensação que funcionam muito por mini empresas. Elas próprias gerem-se autonomamente, não tem grandes parcerias. As parcerias que as bibliotecas universitárias fazem pelo que eu sei, e fiz estágio da pós graduação numa biblioteca universitária, diz apenas respeito ao empréstimo interbibliotecas. E aí tem uma rede larga, e funciona muito bem de parcerias, mas só isso, só empréstimo interbibliotecas entre elas não me parecem que funcionem, não me parece que façam trocas de actividades, outro tipo, de parcerias, pronto acho que são muito fechadas, são as bibliotecas universitárias, são as bibliotecas universitárias. Pertencem a uma instituição e pronto. As públicas se querem entrar ou as escolares vamos com calma, vamos ver o que eles querem, não são muito abertos, não, é a sensação que eu tenho. Prontos.

**3.1. Se sim, vislumbra esta rede sob a alçada de que ministério? O do Ensino Superior? Passaremos a ter a RBP sob a alçada do Ministério da Cultura e das Autarquias, as Bibliotecas Escolares sob o do Ministério da Educação e uma possível rede de Bibliotecas Universitárias no Ministério do Ensino Superior?**

**Dina Matos** - Aí ficamos na mesma, primeiro porque eu acho que o facto de não estarmos dependente de outro ministério que não o vosso, que não o Ministério da Educação, eu não sei se o nosso é o melhor, se calhar, agora posso dizer que é o pior o Ministério da Cultura, o vosso funciona melhor, Ministério da Educação. Se calhar nós todos, se queremos formar uma rede toda. Nós somos, todos biblioteca, não trabalhamos todos para o mesmo fim, promoção da leitura, mediadores de leitura, ter mais



---

utilizadores, etc. Aí se calhar um único, ministério que nos gerisse a todos. Seria o ideal. Pelo menos para mim. Nós podemos dar o caso dos nossos vizinhos espanhóis, que tem uma verdadeira rede de bibliotecas públicas, uma verdadeira rede de bibliotecas escolares também com os seus handicapes todos que temos, uma verdadeira rede de bibliotecas universitárias, pertencem a um único ministério, que é o Ministério da Cultura Espanhol, e nós porque é que temos de ter um ministério do ensino superior que tutela as bibliotecas universitárias, porque depende dele nós Ministério da Cultura e vocês Ministério da Educação. Trabalhamos todos para o mesmo.

**3.2. Não haverá necessidade de alguma fusão no que diz respeito ao grande Projecto Nacional de Promoção da Leitura e das Literacias?**

**Dina Matos** - Eu acho que Sim, se nós começamos pelo PNL, que foi um bom exemplo, está a resultar bem, todos estamos a trabalhar em conjunto, porque não pegar, se está a dar resultado vamos pegar nisso, é que estão três Ministérios a trabalhar para o mesmo depois se calhar até tirar algumas verbas um dos outros enquanto podíamos ter um bolo e que era distribuído aqui estão as bibliotecas municipais em parcerias com as bibliotecas escolares, e com as bibliotecas públicas e as bibliotecas universitárias. E assim como eu acho que as verbas, teriam muito mais resultado e podiam vir verbas muito maiores, se quando chegasse a ideia aos nossos ministérios fosse assim, essa ideia é partilhada com as outras toda a gente vai usufruir não porque assim continuamos a trabalhar, só para o publico que vem a municipal gastamos dois mil euros, para público que vai a universitária outros dois mil e depois no final acabamos sempre na nossa quinta. Só, as pessoas que vêm a nossa quinta é que conseguem ver.

**4. A figura do professor bibliotecário, as suas funções, necessidades e perfil, como encara a recente institucionalização desta figura? Visto que apenas no passado ano com a publicação da Portaria 756/2009 de 14 de Julho - Criação da função de professor bibliotecário esta figura passa a ter um papel crucial na dinâmica das Bibliotecas Escolares.**

**Dina Matos** - Muito importante, tem uma portaria onde está tudo institucionalizado, se calhar já devia ter vindo há mais tempo, a rede já tem treze anos, como referiu, se calhar demorou tempo de mais, a institucionalizar essa profissão,



---

professor bibliotecário, mais veio em boa altura, o professor bibliotecário acho que é uma mais-valia para a escola, é uma mais-valia para o concelho que está inserido, nós bibliotecários municipais sentimos que não somos os únicos com esta alcunha de bibliotecário de dono de biblioteca, e acho que os professores nas escolas tem muita mais consciência do trabalho que se faz na biblioteca da promoção que se faz do desenvolvimento das literacias, na promoção de novas actividades. Sem dúvida foi uma mais-valia que a rede criou, foi ao institucionalizar o Professor Bibliotecário.

Não acho que seja, um professor para estar no gabinete, fechado a tratar de papéis, mas sim um professor, que sai para o terreno, que vê as dificuldades mas, que também promove actividades, faz troca de parcerias e sim acho que é verdadeira profissão de professor bibliotecário.

**5. O Plano Nacional de Leitura, encara-o como um Plano com múltiplas possibilidades entre elas o fomento desta parceria entre as Bibliotecas Públicas e Escolares?**

**Dina Matos** - Eu acho que o PNL veio na altura certa, acho que Portugal já precisava de um PNL, temos países da América Latina com piores índices que o nosso e tem PNL há dez anos. E eu acho que o PNL, se calhar veio da r o empurrão que nós Bibliotecas públicas e eu só posso falar do concelho do fundão, o empurrão para nós voltarmos e olharmos para o lado e dizermos que temos bibliotecas escolares que funcionam muito bem mas que todos funcionaríamos melhor se fizemos essas parecerias, desde a troca de fundo documental, e para mim eu acho que essa troca de recursos humanos iria ser sempre supra sumo porque essa troca de ideias de como vocês trabalham de como nós trabalhamos pode dar ideias novas.

**6. E como define o papel do mediador de leitura?**

**Dina Matos** - Ser mediador de leitura, não acho, que seja como muitas vezes nós aprendemos, que é contar, fazer uma hora de conto.

Isso é promoção de leitura, mas não é ser mediador de leitura, na minha opinião. Ser mediador de leitura é mais que isso, ser mediador de leitura é fazer isso, é fazer partilha de livros, e criar produtos de leitura, é fazer sugestões de livros e acima de tudo também. Eu acima de tudo acho que faço esse papel de mediador de leitura aqui na



---

biblioteca municipal não é na hora do conto é quando estou as vezes na sala de adultos, e que faço sugestões de leitura que critico e dou a minha opinião sobre este ou aquele livro, levo as pessoas a ler ou a não ler e promovo essas leituras com as pessoas, aí eu acho que é o verdadeiro papel de leitura, não é so a hora do conto.

**6.1. Este papel deve ser apenas desempenhado por um técnico especializado?**

**Dina Matos** - Não, não, não acho de todo que a formação em Portugal e falo pela minha que seja, nos de o papel de mediador de leitura, quando somos pôs graduados em ciências documentais no ramo de bibliotecas, não ficamos mediadores de leitura, e eu tenho a certeza que há muito boas pessoas que não são técnicos de bibliotecas e são excelentes mediadores de leitura, e que muitas vezes e eu devia fazer o apelo eu acho e aproveito faça a sua tese sobre isso faça o apelo a que outras pessoas tenham a vontade vir as bibliotecas expor como falam o que gostam ler, como leiam os seus livros e que não tenham medo de vir as bibliotecas essas são verdadeiramente mediadores de leitura.

**6.2. E a família?**

**Dina Matos** - Essa acho que essa devia ser a base, a base de tudo, há pessoas que dizem e isso está mais que comprovado, os meninos quando tem contacto precoce com os livros tornam-se excelentes leitores, temos o ex do PNL vai buscar os hospitais, os serviços de pediatria, ler mais dá saúde quando é o medico, o Sr. doutor a dizer o pai de uma criança que ler mais desde o inicio lhe torna uma criança mais activa um cidadão mais activo entende melhor. Claro que os pais aí, isso está mais que provado, desde o inicio os meninos estão com contacto com o livro tornam-se melhor cidadão e melhores mediadores de leitura. E a família desde o inicio que deve incutir sempre isso. Mas atenção que isso não pode ser sempre assim, e eu sou um, exemplo disso os meus pais. Eu tenho livros de pano por exemplo a minha lia-me, mas não posso dizer que os meus pais me liam todas as noites, acho que vai um pouco de nós tornar-nos ou não leitores activos, e termos esse gosto pela leitura. E posso dar o meu caso pessoal que nem sempre tinha a mão livros. Mas também digo se calhar nessa altura que nessa altura a Gulbenkian a famosa Gulbenkian da carrinha vermelha desempenhou um papel muito



bom, e isso a minha família também desempenhou um papel bom não podes lá ir, não vai, vai, vai ler, é bom para ti.

**Exacto mas do que respondeu podemos então concluir que o ser mediador de leitura deve ser uma responsabilidade social, e qualquer cidadão deve sentir na responsabilidade de ser um mediador de leitura?**

**Dina Matos - Sim, qualquer cidadão**

Ou seja professor ou seja um técnico de outra coisa qualquer, um auxiliar educativo de uma escola, uma secretária, todos, todos, todos temos essa obrigação.

**7. Os conceitos “Joint-use libraries” e “Dual use libraries” já largamente implementados em países como os EUA, o Canada e a Austrália e nos países da Europa do Norte. Sendo estes países ricos não fará muito mais sentido em países com menores recursos, como o nosso, a implementação deste conceito? De uma forma efectiva rentabilizando os espaços e recursos disponíveis numa determinada comunidade?**

**Dina Matos -** Eu, não conheço muito bem estes projectos, mas começando eles por ser um país rico, logo automaticamente tem mais dinheiro, e o que eles estão a fazer é uma boa gestão de recursos, afinal para se ter este Joint-use-libraries, Dual use libraries, não precisamos assim tanto dinheiro, porque se criarmos um único espaço, um único centro, onde todos nós podemos partilhar, e todos nós temos acesso afinal estamos, é a poupar dinheiro. E se calhar em países pobres como o nosso se calhar era o que vinha a calhar, e então em termos de crise já que todos falamos nisso será sempre aí sim, será uma verdadeira partilha de recursos não precisamos de duplicar, porque é isso que nos fazemos em Portugal, eu tenho, tu tens, ele tem, todos temos, e se o vizinho tem, então se o vizinho tem porque não emprestar, e aí é que se tornam os verdadeiros países ricos, porque nós somos pobre porque se calhar ainda não entramos nessa onda da partilha, eu acho que Portugal, o erro está aí, o erro está aí, porque eles são ricos tudo bem, têm dinheiro, mas se construirmos um único espaço e todos partilharmos acabamos depois todos por gerir melhor esse dinheiro e acabamos por ter dinheiro para comprarmos outras coisas.



**8. Existem algumas experiências pontuais no nosso país que a BE está aberta fora de horas ou durante o período de férias escolares para servir a comunidade. Como encara esta possibilidade tendo em conta os recursos humanos necessários para tal?**

**Dina Matos** - Pois. Acabamos por sempre ir calhar no mesmo aspecto, que é os recursos humanos, infelizmente são eles muitas vezes que condicionam, a tarefa das bibliotecas municipais, e neste caso as bibliotecas escolares também, mas continuo achar se conseguir haver juntas de freguesia, escolas, que consigam, passar por cima desse handicap, que é a falta de recursos humanos. O estar aberto uma biblioteca escolar no período de férias é sempre uma mais-valia, e o senhor também é o exemplo de uma biblioteca escolar, sua em Alpedrinha, que ficou aberta num período de férias aberta a comunidade o sucesso que foi além dos meninos o corte com a biblioteca no tempo de férias, muitas vezes, serve também de ponto de encontro das crianças, além do encontro com os livros podem fazer atelier porque elas não têm que estar sempre a ler, podem fazer ateliers, jogar, outras coisas, as bibliotecas hoje em dia já não são aquele mundos de silêncio onde se entrava, xiu!, nem sequer os pés nos podiam ouvir, agora é uma espaço polivalente.

**8.1. Quais os maiores obstáculos se poderão colocar à implementação destes conceitos?**

**9. Para uma efectiva concretização do “Joint-use libraries “ e “Dual use” embora o espaço possa ser comum, como observa a constituição de equipas de trabalho, organização e gestão?**

9.1. E a gestão de espaços e recursos?

**10. Algumas autarquias do nosso país, nomeadamente Óbidos e Oeiras, estão a intervir na construção de espaços escolares distintos (JI e 1ºECB) com a envolvência de zonas ajardinadas, pavilhões desportivos, auditórios e especialmente Bibliotecas. Estas valências são para utilização de toda a população local. Este conceito só será possível com a implementação deste tipo de escolas comunitárias? Ou podemos rentabilizar já edifícios existentes?**

**Dina Matos** - Eu acho que se poderia passar por essa rentabilização de edifícios já existentes, acho que sim. Embora aqui no fundão fosse demorar algum



tempo, parece-me, parece-me que ia demorar mas acho que não. Se nós pensamos sempre, que vai demorar e nunca avançamos, então é que não vai avançar mesmo, se calhar alguém tem que picar, e dizer vamos tentar fazer isto, vamos tentar essa partilha. Mas eu acho, que a rentabilização de recursos já existentes, se nós os temos, porque não rentabiliza-los, o quê, vamos construir de novo, para tentar fazer depois fazer essa rede de parceria, ou essa rede de partilha. Se já os temos, vamos utiliza-los.

E possivelmente, às vezes temos os edifícios, não lhe damos o melhor uso. Mas queixamo-nos que eles não têm uso. Mas se calhar esquecemos, que se calhar, se falássemos todos.

Olha, então agora fazemos esta actividade, depois vais tu, depois fazemos esta, e estavam sempre rentabilizados, e eram edifícios vivos. Porque depois acabam, por ficar edifícios mortos.

10.1. Que impacto social pode ter na comunidade um Biblioteca de uso comum ou que seja partilhada por públicos distintos?

**11. Alguns autores como Sharon Honig-Bear, Willian Miller e Rita Pellen, entre outros, referem que o maior problema para a implementação do “Joint-use” e “Dual-use” está relacionado com o sentimento de posse dos intervenientes, da gestão de orçamentos e dos recursos humanos. Que comentário faz?**

**Dina Matos** - É verdade. A posse é sempre uma, é engraçado a posse, nós vemos isso até em simples coisas, agora já, penso que já não, pelo menos eu já não tenho essa noção assim forte como tinha há alguns tempos. Mas, até o simples ida de um livro, catalogado pela biblioteca municipal, para uma biblioteca escolar tinha de ter o carimbo, daquela instituição e é só daquela instituição e não pode ir para outra instituição, porque é meu, é meu, é meu. Essa posse é uma coisa muito aguerrida, muito, é meu, é meu, é meu, é posse e pronto, não há partilha. E realmente, eu concordo com estes senhores, enquanto nós. Mas isso é uma questão de mentalidades, e as mentalidades demoram a evoluir no tempo, demoram. E então Portugal é um país que às vezes demora cinquenta anos a mudar as suas mentalidades. Mas têm de haver pessoas que se calhar façam teses, que digam que isto pode ser possível mudar, e que afinal não é assim tão difícil, depois essa posse acaba por se posse, de nós todos. E se calhar em vez de possuímos apenas uma cadeira, passamos a possuir vinte cadeiras, mais vinte quadros, mais em vez de ser cinquenta livros, mil livros. E somos todos posse.



**12. Os mesmos autores referem que para uma eficaz parceria/ partilha entre as instituições deve ser implementada uma atitude dos 5 C “Collaborate, Communicate, Cooperate, Change and Challenge.” Ou seja Colaborar, Comunicar, Cooperar, Estar preparado para a Mudança e apostar em novos Desafios. Na sua perspectiva acrescentaria mais algum passo/ atitude?**

**Dina Matos - Se calhar eu diria, que as pessoas.**

Não é um léxico, eu acho que as pessoas deviam tirar esse tal capacho da posse, e é tudo meu, e eu é que sei fazer, e estar de peito aberto estar de espírito livre, e de altruístas, eu ia mais por essa parte, de peito aberto, de ficar livre para receber outras informações de outras pessoas, de cooperativismo, era mais nessa óptica, do cooperativismo de todos trabalharmos para o mesmo fim, todos queremos ser mediadores de leitura, bons mediadores de leitura, todos queremos ter muito publico nas nossas bibliotecas, pois só assim é que nós vivemos não é, e queremos fazer uma boa promoção de leitura, mas sozinhos não vamos lá. Se houver este espírito de cooperativismo acho que sim que somos capazes de chegar lá.

**13. O Professor Bibliotecário, como um estratega, é uma peça fundamental para esta mudança?**

**14. Por último gostaria de acrescentar mais algum aspecto significativo que considere pertinente para esta abordagem?**

**Dina Matos - Espero, o que queria dizer não pode ficar registado.**

O que eu queria dizer, infelizmente se calhar o município. Nós temos o factor recursos humanos condicionam muito.

O que, eu queria fazer é, que esta tese servisse para nós depois no próprio concelho do Fundão conseguíssemos implementar isto tudo, que acabamos de dizer. E não sendo um concelho pequeno como é, e então agora, com a possível ameaça de algumas escolas, eu acho que o futuro, que nos resta é mesmo este.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Pedro Rafael Neto Gomes